

## SOBRE MAPAS E MUNDOS: YI-FU TUAN E O OLHAR HUMANISTA SOBRE A CARTOGRAFIA

TUAN, Yi-Fu. Cartography and Humanism: concordances and discordances. *Glimpse*, n. 8, p. 66-73, 2011.

Jörn Seemann<sup>1</sup>

Yi-Fu Tuan pode ser considerado um dos mais eminentes e influentes geógrafos humanistas da atualidade, tanto que sua obra e seus pensamentos chegam a ser vistos como uma abordagem “à la Tuan” na geografia. Ao destacar essa posição peculiar na comunidade acadêmica, Paul Adams (2017, p. 275) usa o termo geografia **tuaniana** e enfatiza a empatia de Tuan com “todos os tipos de experiência humana”, com base em leituras extensas de literatura, arte, história, biografia, ciências sociais, filosofia e teologia. A trajetória de Tuan na geografia engloba mais de vinte livros e inúmeros artigos de revista ao longo de uma carreira de mais de seis décadas (PÁDUA, 2013). Inicialmente treinado como geógrafo físico que estudava os pediplanos do Arizona e os processos geomorfológicos na zona costeira do Panamá (TUAN, 1954; 1962), Tuan começou a se dedicar cada vez mais ao estudo das relações entre os seres humanos e o meio ambiente e o significado da existência humana no mundo, abrindo espaço e dando voz para uma abordagem humanista na geografia. Conceitos como lugar, sentido de lugar, lar e topofilia, combinados com um olhar clínico sobre paisagens e tradições culturais, representam os alicerces da sua obra.

Curiosamente, mapas nunca foram destaque nos seus textos, apesar de serem discutidos ocasionalmente. Nas suas publicações, Tuan (1975) menciona mapas mentais e práticas cartográficas em contextos culturais específicos, com a finalidade de ilustrar a natureza cultural de usar mapas para navegação, orientação e localização. Nas suas duas obras-primas, “Topofilia” (TUAN, 1974; 2012) e “Espaço e Lugar” (TUAN, 1977; 2013), ele apresenta exemplos de etnocentrismo cartográfico e modos culturais de mapear como os mapas dos *inuits* que representavam o norte do Canadá tão detalhada e corretamente como os topógrafos britânicos no século XIX, a cosmografia dos indígenas Yurok da Califórnia, mapas chineses que mostravam o império oriental como centro do mundo e *mappaemundi* do tipo T-no-O, que serviram como traduções visuais da filosofia cristã na Idade Média.

<sup>1</sup> Department of Geography, Ball State University, Estados Unidos. jseemann@bsu.edu.

✉ Ball State University, Department of Geography, 2000, W University Avenue, CL425, Muncie, IN 47306, Estados Unidos da América.

## Sobre mapas e mundos: Yi-Fu Tuan e o olhar humanista sobre a cartografia

Jörn Seemann

Apenas dois textos curtos na sua obra tratam explícita e exclusivamente da cartografia: um ensaio encomendado para um catálogo que acompanhava uma exposição artística sobre visões de mundo, identidade e utopias em mapas históricos (TUAN, 1999a) e um artigo sobre as concordâncias e divergências entre cartografia e humanismo (TUAN, 2011), traduzido para o português nesta edição. Este último tem como base uma palestra que Tuan proferiu como conferencista no 31.º Encontro Anual da North American Cartographic Information Society (NACIS) em Madison, Wisconsin, em outubro de 2011. Na programação do evento, Tuan é apresentado à comunidade cartográfica como um geógrafo

[...] que nunca avançou para além de mapas mais simples, desenhados e caligrafados à mão. Compreensivelmente, sua fala não é sobre cartografia, mas sobre a relação entre cartografia e humanismo. Yi-Fu Tuan se sente relativamente seguro [em falar] sobre humanismo, como se trata de um tema que ele tem estudado por mais de 40 anos. Humanismo enfatiza o indivíduo. Cartografia, por contraste, é uma ciência e enfatiza o grupo (NACIS, 2011, sem página).<sup>2</sup>

No seu texto sobre cartografia humanista, Tuan não fala sobre cartografia e mapas, mas de práticas cartográficas que permeavam e impregnavam sociedades humanas. Como geógrafo humanista, ele se sente mais à vontade com conceitos geográficos para discutir as relações e tensões entre cartografia e humanismo. Tuan escolhe a comparação entre pintura de paisagem e mapas como ponto de partida para as suas reflexões. Inicialmente, ambos os modos de representação são formas estéticas de gerar conhecimento e captar e visualizar uma paisagem ou cena completa. Pinturas e mapas reproduzem ou simulam uma perspectiva “de cima”, prestando atenção aos detalhes, os mais fidedignos possíveis. O artigo de Tuan se lê como uma abreviada história cultural comparada das práticas cartográficas na China e no Ocidente, apontando as trajetórias distintas da “arte e ciência de fazer mapas” em culturas diferentes. A China, por muito tempo, preservava aspectos artísticos e estéticos na sua cartografia, enquanto cartógrafos europeus do Renascimento e do Iluminismo procuravam cada vez mais a funcionalidade e mensurabilidade nas representações cartográficas para retratar o mundo como realidade objetiva e abstrato, em detrimento de uma visualização mais artística com base em padrões de beleza. Para corroborar os seus argumentos, Tuan incluiu duas ilustrações no seu texto, mas não as discute diretamente: uma pintura de paisagem de uma montanha chinesa do artista Dong Yuan, do século X (*Dongtian Mountain Hall*) e uma página do atlas “*Theatrum orbis terrarum*” (ca. 1570), do cartógrafo holandês Abraão Ortelius, mostrando as regiões da Turíngia e Saxônia, na Alemanha.

<sup>2</sup> Tradução livre de: “has never himself progressed beyond the simplest hand-drawn and hand-lettered maps. Understandably, his talk is not on cartography but on the relationship between cartography and humanism. On humanism, Yi-Fu feels relatively more secure, for it is a subject that he has studied for more than forty years. Humanism emphasizes the individual. Cartography, by contrast, is a science and emphasizes the group.”

A primeira imagem é uma paisagem em tonalidades de cor da terra que mostra os penhascos de uma montanha acima de um mar de brumas. No primeiro plano, há um grupo de árvores sinuosas. À direita, as águas de um rio descem por uma cachoeira para um vale, onde várias pessoas estão atravessando uma ponte de madeira. O artista, Dong Yuan, desenvolveu um estilo particular para suas pinceladas, que chegou a ser usado como técnica-padrão na China por muitos séculos. O rolo de seda da pintura mede aproximadamente 1,80 m por 1,20 m e servia como decoração de parede. Tuan mal esconde a sua paixão pelas paisagens chinesas e destaca a “humanidade” encontrada dentro das pinturas de paisagem, porque essas representações artísticas revelam mais intimidade do que um mapa e expressam o que significa ser humano: um pescador em um barco, um eremita bebendo chá, um viajante em lombo de jumento na montanha (TUAN, 2011, p. 67).

A segunda figura, um mapa de um atlas holandês do século XVI, ainda retém alguns elementos artísticos e estéticos, na forma de uma moldura decorativa e um cartucho ornamental no canto inferior esquerdo, anunciando o título do mapa em latim. A função principal do mapa é a localização de centenas de lugares. A legenda, enfeitada como um rolo de pergaminho, lista três detalhes dignos de nota: cidades (miniaturas de um perfil vertical com torre de igreja), povoados menores (círculos com traço vertical no topo) e minas (*metalli fodinas*, círculos simples). Coordenadas para latitudes e longitudes são acrescentadas à cercadura, e três escalas gráficas (*parva*, *mediocria* e *magna*), com medidas diferenciadas em milhas, ocupam o espaço inferior da direita. O mapa combina elementos lúdicos com dados exatos de localização.

Tuan desconfia dos mapas ocidentais modernos como suporte e aporte para revelar valores e atitudes e como ferramenta para contar histórias humanas. Para ele, mapas representam espaço e não lugar. Eles indicam a direção (pontos cardeais, setas simbólicas), mas não “direcionam”, no sentido de não serem pontes para o conhecimento: “esses símbolos e anotações abstratos apelam mais ao intelecto do que às emoções” (TUAN, 2011, p. 71). Como poeta do lugar, Tuan duvida da possibilidade e do potencial dos mapas de retratar a realidade com todas as suas subjetividades, sensualidades e intimidades. A cartografia não consegue representar o efêmero e a essência da existência humana como o lar ou lugar, onde se percebem o cheiro de comida, o silêncio depois de uma nevasca e o calor de uma parede de tijolos (TUAN, 2011, p. 71). Para Tuan, isso seria mapear o não-mapeável. A sua quase condenação das imagens a favor das palavras vem em seguida: “Se há um método para captar a riqueza de uma vida vivida plenamente no espaço íntimo, seria a sutileza da língua em vez da precisão de dados numéricos e da análise espacial; em outras palavras, seria o método das humanidades ao invés daqueles da geografia e da cartografia” (TUAN, 2011, p. 71).

A missão de Tuan é ser narrador externo da história da cartografia. Igual à perspectiva vertical simulada nos mapas, ele permanece separado da paisagem e do mundo, um observador olhando “de cima”, de uma posição privilegiada que Donna Haraway (1995, p. 19) descreveu como “truque mítico de deus de ver tudo de lugar nenhum”. Tuan não faz parte dessa “aventura cartográfica” e não engaja ativamente com os mapas. Apenas na penúltima página do seu ensaio, ele se

abre mais um pouco quando, com um olhar humanista, comenta sobre mapas de alunos da sua universidade que foram exibidos nos corredores do departamento de cartografia. Ele mostra, ao mesmo tempo, o seu fascínio pela expressividade dos mapas e sua crítica da falsa objetividade das representações cartográficas no papel. Até que ponto os mapas, com as suas fachadas frias, conseguem transcrever e descrever a experiência e existência humana? Será que não há lugar para o lugar na cartografia? Tuan (2011, p. 73) vê uma limitação séria nas representações cartográficas: “Como deve ser um mapa que mostra campos de concentração e sítios de valas comuns dos Nazis? Qual a sua aparência quando os únicos meios de representação são cor, sombreamento, signos e símbolos?”<sup>3</sup>

Tuan conclui seu ensaio com a afirmação de que “ser humano é ser um cartógrafo, envolvido com mapeamento e o entendimento do mundo ‘lá fora’ para ser orientado, e ser orientado significa ganhar algum tipo de controle, uma necessidade para a sobrevivência” (TUAN, 2011, p. 73). A sua concepção de cartógrafo tem uma conotação mais metafórica do que literal. Tuan não esconde seu fascínio pela escrita e escolhe as suas palavras cuidadosamente para praticar a sua poética do espaço. Ele cartografa e mapeia o mundo, mas não produz mapas visíveis. A sua autobiografia revela pormenores sobre a sua concepção do espaço e os lugares onde ele se sente seguro. Cidades americanas com o arranjo geométrico das suas ruas lhe dão mais conforto do que o labirinto de vielas estreitas e irregulares no Velho Mundo (TUAN, 1999b, p. 94), onde é fácil perder o seu caminho. Tuan (1999b, p. 94) não esconde a sua aversão à vegetação fechada da floresta tropical que “convida à desorientação”. O deserto do Arizona, por sua vez, é um espaço aberto que permite ver e ler a paisagem, “porque é um mapa aberto, com o sol servindo como marcador confiável do Leste e Oeste, e com formas de relevo nitidamente entalhadas – visíveis por muitas milhas de distância que inconfundivelmente contam aos visitantes onde eles estão” (TUAN, 1999b, p. 94).

Ele admite modestamente que é um geógrafo e não um cartógrafo, embora suas publicações sobre geografia física no começo da sua carreira incluíram material cartográfico da sua autoria (por exemplo, TUAN, 1954; 1962). Nos anos 1950, ele levantou dados de campo para sua tese de doutorado que foram compilados em croquis de localização e perfis geológicos. Para realizar os seus levantamentos, Tuan teve que andar pelas paisagens áridas e rochosas do Sudoeste americano em busca de “provas” para corroborar suas especulações sobre os processos de formação de pediplanos:

Andei por horas, subindo e descendo por voçorocas e rochedos massivos para alcançar uma superfície de rocha-mãe em forma de uma poltrona, um exemplo incomumente convincente de um pedimento. Mapeei sua borda externa, que se definiu

<sup>3</sup> O texto de Tuan é de 2011 e não inclui a literatura mais recente sobre as geografias do Holocausto. Para exemplos de mapas, veja Knowles, Westerveld e Strom (2015) e Westerveld e Knowles (2018). Esse último é uma “tradução” visual da trajetória de dois sobreviventes do Holocausto. Com base na entrevista com Jacob Brodman e Anna Patipa, os autores visualizaram espacialidades em escalas diferentes, desde o espaço no bolso da calça onde os prisioneiros escondiam objetos ou comida até as barracas onde os detentos foram confinados e os campos de concentração com as suas instalações, torres de vigilância e cercas de arame farpado.

por uma linha de falha, e tirei muitas fotos para providenciar provas visuais para minha tese sobre como [essa forma] surgiu (TUAN, 1999b, p. 47)<sup>4</sup>.

A cartografia **tuaniana** se refere menos à produção de mapas do que a mapeamentos simbólicos. Tuan sabe ler e também fazer mapas, se for necessário, mas ele prefere ser identificado como cartógrafo em um sentido metafórico, um ser humano que “mapeia” o mundo. Sua perspectiva reflete elementos da abordagem dos geógrafos da Escola de Berkeley: um método morfológico para ler nas entrelinhas da paisagem natural e humana e uma curiosidade de querer saber o “vir a ser” da humanidade e seus espaços vividos, uma genealogia do conhecimento que busca por origens e universalidades (SPETH, 1999).

Aqui não cabe fazer uma crítica à geografia e cartografia **tuaniana**, levando-se em consideração que Tuan representa o pensamento geográfico-humanista dos anos 60 e 70 do século passado e que abordagens mais recentes não se opõem, mas se fundamentam e inspiram nos referenciais anteriores. Geógrafos humanistas do novo milênio continuam a tradição humanista ao investigar significados de lugares, iconografias de paisagens e construções socioculturais do mundo. Portanto, eles buscam menos por universalidades com base quase exclusiva em aportes filosóficos e mais por novas ontologias, epistemologias e metodologias para entender e explicar o mundo. Essa geografia humanista renovada se apoia em ideias como feminismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo e teoria pós-colonial e decolonial (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001, p. xvi) e permite novos olhares sobre as relações entre cartografia e humanismo.

Tuan parou as suas leituras cartográficas do mundo na interpretação do passado e do presente, sem apontar caminhos para transformar o mundo e discutir as cartografias do mundo globalizado. A justaposição entre arte e ciência, entre objetividade e emoção, ocidente e oriente talvez possa ser um impedimento para explorar mais a conexão e fusão da cartografia com o humanismo. Portanto, isso não significa que essas ligações seja impossíveis. Há uma literatura inter e transdisciplinar crescente sobre como cartografar o lugar e o mundo “humanistamente” (por exemplo, FRANCAVIGLIA, 2005; PEARCE; HERMANN, 2008; COULIS, 2010; DEAR et al., 2011; GRIFFIN; McQUOID, 2012; ROBERTS, 2015; BODENHAMER, CORRIGAN; HARRIS, 2015; entre muitos outros). Esses mapas, às vezes “mapas profundos” (*deep maps*), não precisam obedecer a convenções cartográficas e à geometria do espaço, mas traduzem, transcrevem e transformam a experiência humana de formas inusitadas. Desta maneira, o geógrafo humanista, inicialmente um leitor do espaço e do lugar, chegará a ser fazedor de mapas culturais e se tornará um mapeador da realidade. ☉

<sup>4</sup> Tradução livre de: “I walked for hours, climbing up and down gullies and massive boulders to reach an armchair-shaped bedrock surface—an unusually convincing example of a pediment. I mapped its outer edge, which was defined by a fault line, and took many pictures, which were to provide visual evidence for my thesis of how it came into being.”

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Paul. Tuanian geography. In: JANZ, Bruce (org.). **Place, space and hermeneutics**. Cham, CH: Springer Nature, 2017. p. 275-287.
- ADAMS, Paul; HOELSCHER, Stephen; TILL, Karen. Place in context. Rethinking humanist geography. In: ADAMS, Paul; HOELSCHER, Stephen; TILL, Karen (orgs.). **Textures of place**. Exploring humanist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p. xiii-xxxiii.
- BODENHAMER, David; CORRIGAN, John; HARRIS, Trevor (orgs.). **Deep maps and spatial narratives**. Bloomington: Indiana University Press, 2015.
- COULIS, Michael. Hermeneut on a bike: eleven geo-logical lessons in love and landscapes. In: RANGEL, Matthew; COULIS, Michael; JONES, David (orgs.). **Expanding the boundaries of Cartography**. Journeys beyond the neatline. Edmonton, Canadá: University of Alberta Press, 2010. p. 9-49.
- DEAR, Michael et al., **GeoHumanities**. Art, history, text at the edge of place. Londres: Routledge, 2010.
- FRANCAVIGLIA, Richard. **Mapping and imagination in the Great Basin: a cartographic history**. Reno: University of Nevada Press, 2005.
- GRIFFIN, Amy; McQUOID, Julia. At the intersection of maps and emotion: the challenge of spatially representing experience. **Kartographische Nachrichten**, v. 62, n. 6, p. 291-299, 2012.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.
- KNOWLES, Anne; WESTERVELD, Levi; STROM, Laura. Inductive visualization: a humanistic alternative to GIS. **GeoHumanities**, v. 1, n. 2, p. 233-265, 2015.
- NACIS. [Program for] **NACIS 2011**, 2011. Disponível em: [https://nacis.org/wp-content/uploads/2014/07/NACIS\\_2011\\_31st.pdf](https://nacis.org/wp-content/uploads/2014/07/NACIS_2011_31st.pdf). Acesso em: 3 ago. 2020.
- PÁDUA, Letícia. A geografia de Yi-Fu Tuan: existências e persistências. 2013. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PEARCE, Margaret; HERMANN, Michael. **They would not take me there**: people, places, and stories from Champlain's travels in Canada, 1603-1616. Orono, ME: University of Maine Canadian-American Center, 2008.
- ROBERTS, Les (Org.). **Mapping cultures**. Place, practice, performance. Londres: Palgrave MacMillan, 2015.

Sobre mapas e mundos: Yi-Fu Tuan e o olhar humanista sobre a cartografia  
Jörn Seemann

SPETH, William. **How it came to be**: Carl O. Sauer, Franz Boas and the meanings of anthropogeography. Ellensburg, WA: Ephemera Press, 1999.

TUAN, Yi-Fu. Types of pediment in Arizona. **Yearbook of Pacific Coast Geographers**, v. 16, p. 17-24, 1954.

TUAN, Yi-Fu. A coastal reconnaissance of Central Panama. **The California Geographer**, v. 3, p. 77-96, 1962.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia**: a study of environmental perception, attitudes, and values. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. Images and mental maps. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 65, n. 2. p. 205-213, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place**: the perspectives of experience. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Maps and art: identity and utopia. In: SILBERMAN, Robert (org.). **World views**: maps & art. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999a. p. 10-25.

TUAN, Yi-Fu. **Who am I?** An autobiography of emotion, mind, and spirit. Madison: University of Wisconsin Press, 1999b.

TUAN, Yi-Fu. Cartography and humanism. Concordances and discordances. **Glimpse**, v. 8, p. 66-73, 2011.

WESTERVELD, Levi; KNOWLES, Anne. "I was there:" Places of experience in the Holocaust". **Visionscarto**, 13/12/2018. Disponível em: <https://visionscarto.net/i-was-there>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.